

RELIGIOSIDADE JOVEM

Pesquisa entre universitários

Resenha de: RIBEIRO, J. C. *Religiosidade Jovem* - pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola, Olho d'Água, 2009

J. B. Libanio

A longa experiência e o diuturno trabalho de pesquisa permitiram ao professor Jorge Claudio, com a colaboração de parceiros, produzir excelente texto sobre a religiosidade jovem. A juventude acusa, no interior da cultura, qual febre sensível, as infecções que a minam. Não provoca nem sofre simplesmente as enfermidades, mas antes lhes capta os sintomas e somatiza-os. Dedicar-lhe atenção capacita-nos para entender melhor o momento atual. As acusações rápidas e superficiais aos jovens esquecem que eles não geraram as doenças, mas as apontam com a sensibilidade e radicalidade próprias da idade.

Vivemos fase avançada e exacerbada da modernidade que muitos preferem chamar de pós ou hipermodernidade. Nela os pólos de tensão se acentuam, especialmente no campo religioso que Jorge Claudio estuda.

Por um lado, nunca se viveu tanta autonomia e liberdade no meio jovem, ao fazer eco ao grito programático de Maio de 1968: “É proibido proibir!” Frase de pesada ambiguidade, desde a beleza da afirmação de uma liberdade em face do academicismo rígido das universidades europeias e de uma política desconhedora de seus anseios até o nefasto e mentiroso discurso de que “nada é verdade; tudo é permitido”, na crítica ácida do filósofo A. Comte-Sponville. Por outro lado, nunca a pressão da mídia os escraviza tanto, ao impor-lhes grifes, músicas, gostos exóticos, trejeitos, cacoetes de linguagem.

Os extremos fazem eco também no universo religioso. Espraiam-se diante de nós posições existenciais de jovens que vão desde a profissão fria e racional de ateísmo

virulento na linha de M. Onfray ou R. Dawkins, com ressonâncias nietzschianas, passando pela serena posição de prescindência diante de Deus e de toda religião para viver o caminho do humanismo, da sabedoria neoestoica ateia nas pegadas de L. Ferry e A. Comte-Sponville, até os fervores carismáticos pentecostais. A pesquisa, aqui apresentada, oferece-nos elementos para entendermos melhor gama tão ampla de opções no seio de uma mesma juventude.

Todo estudo sobre juventude implica deter-se com cuidado no ambiente cultural que a circunda. Os jovens assimilam por osmose os valores e desvalores, os gritos éticos e os silêncios coniventes, a beleza das utopias e as seduções enganadoras da propaganda. As análises iluminam-nos esse jogo ambíguo, tão acentuado nos tempos atuais e na faixa jovem. E a educação, a formação, o crescimento existencial passam pelo discernimento agudo desse balancear ambivalente para encaminhar a juventude por roteiro promissor para eles e para a sociedade.

O termo “religiosidade”, central na pesquisa, assumiu significado bem amplo de modo que serve tanto para qualificar atitudes tipicamente marcadas pela fé como vividas pelo humanista em busca do sentido de vida.

A pesquisa beneficia, em primeira instância, todos os que se envolvem com a formação religiosa dos universitários. Assim, as inúmeras universidades e faculdades isoladas, levadas por instituições confessionais, dispõem de dados abundantes para reflexão e ação. Embora se trate de pesquisa datada e localizada, os resultados jogam luz sobre problemática mais ampla e oferecem subsídios para outras incursões no mundo universitário, já que refletem o perfil da juventude pluri-religiosa, urbana, secularizada, hiper-crítica da cultura atual moderna globalizada.

A experiência religiosa dos jovens não acontece em nenhuma sociedade medieval de Cristandade, homogênea, hierarquizada, mas no fluxo acelerado de fatores históricos, sociológicos, econômicos, políticos e culturais. Tudo isso se leva em consideração no texto que ora apresentamos.

A natureza de uma pesquisa exige que se elabore instrumental teórico de análise. Disso se ocupa a 1ª Parte do livro. O autor indica as questões implicadas, os procedimentos usados, as características da pesquisa e elabora os conceitos básicos da pesquisa. Em geral, escolhe-se para secundar as análises sociológicas algum clássico que

garanta a seriedade do trabalho. Jorge Claudio optou pelo sociólogo judeu alemão Georg Simmel (1858-1918). Dedicou-lhe um capítulo, onde trabalha algumas de suas categorias fundamentais: micro-sociologia, o panteísmo estético, a arte e especialmente a distinção entre religiosidade e religião. Considera a religiosidade como dimensão humana que envolve toda a existência e lhe confere sentido. Destarte, o pensamento simmeliano prestou credibilidade à interpretação adotada por Jorge Claudio.

Para situar a pesquisa, o leitor encontra, em forma sucinta e precisa, a contextualização do jovem numa sociedade moderna e pós-moderna, secularizada, individualista, globalizada, consumista, de forte migração simbólica. Aspectos extremamente interessantes e esclarecedores da profunda ambiguidade da hora atual.

Adentrando na contextualização, Jorge Claudio traça o panorama religioso em geral e o do Brasil em específico. Joga com a tensão entre secularização e re-encantamento cujas interpretações divergem na ponderação entre a força do eixo secularizante e a resistência ou revanche da tônica religiosa. Acrescente-se o complicador da mundialização religiosa por diversas vias e, de modo decisivo, pela tecnologia da comunicação social. Tudo isso pesa na transformação da experiência religiosa e de fé dos jovens. O quadro religioso descrito no livro fascina-nos pela complexidade e pelo tamanho do desafio. E dentro dele se interpretam os dados da pesquisa.

Fechando o cenário, o autor detém-se na “constituição da juventude”. De novo, a ambivalência da realidade. Nunca tanto anseio por autonomia por parte dos jovens, mas nunca também tanto controle sobre eles. Já não mais com a mão pesada do autoritarismo, mas sob a forma sutil da globalização do mercado e da cultura.

O estudo de caso mereceu a terceira e mais longa parte. Um primeiro olhar se debruça sobre o jovem analisado: estudante da PUC-São Paulo. Completou-se a pesquisa quantitativa com informações mediante a exploração qualitativa – entrevistas, comentários e questões abertas.

A partir de tal estudo, colheram-se eixos temáticos que mereceram reflexão: caracterização dos sujeitos; sentidos da existência; alteridade; fé; religiões e rituais; representações do Transcendente; educar na religiosidade.

Quadro extremamente rico e heurístico. Encontramos material abundante para entender, interpretar e atuar no campo religioso da juventude pesquisada e por analogia e

ampliação de resultado para outros espaços juvenis. O autor organizou uma tipologia de grupos de jovens no campo religioso. As possibilidades de classificação se estendem amplamente. Há divisões heurísticas sugestivas. Veja esta: crentes; peregrinos; desorientados em face do sentido da vida. Num segundo momento da pesquisa, os sujeitos são tipificados como: crentes pluralistas; crentes-sem-religião; devotos; seculares; indefinidos. E o texto permite que naveguemos por mares religiosos bem diversos no mundo juvenil.

Avançando na análise, o tema da alteridade, da sociabilidade, do engajamento, das relações dos jovens mereceu detida consideração. No cultivo da fé, o amor, a amizade e a vida de grupos sugerem a importância das relações reais, do face-a-face que leva os jovens para além do mundo restrito da família. A convivialidade influi na vivência da fé e do compromisso social.

Confirma-se na pesquisa o dado repetido e observado, no mundo juvenil, da relativização da adesão religiosa, embora se atribua importância à fé como geradora de sentido da existência, referida a um Transcendente. A religião é vista muito sob o aspecto institucional de autoridades humanas.

As representações do Transcendente recebem reflexão própria e intrigante. Percebe-se o Transcendente na natureza, na música, como Ser superior, mais no Todo que no singular. Energia íntima, não necessariamente pessoal, mas articula-se com a elaboração do sentido de vida. Numa síntese de Julien Potel, “Deus é representado menos como princípio cósmico, destino, juiz, masculino e mais como experiência subjetiva que abre para a livre escolha, espírito vital, feminino” no jogo de distante e próximo.

No excurso final, o autor oferece elementos para se educar na religiosidade. Os jovens vivem profundas e contraditórias experiências de sentido, com dificuldade de identificá-las. Toca ao educador ajudá-los a nomeá-las, a educá-las em vista de seu amadurecimento e integração existencial.

Estamos diante de um texto extremamente rico. Mais para ser estudado, discutido em grupos, confrontado com as realidades particulares do que para ser lido como fonte de dados. Os professores, catequistas, educadores, assistentes de pastoral universitária e os próprios jovens são postos diante de uma radiografia bastante completa da religiosidade jovem. Multiplicam-se as possíveis saídas pastorais. O material oferecido – riquíssimo,

provocativo e instigante – permite avanço novo no campo da abordagem da religiosidade jovem para nossas terras.

Livro oceânico. Aventuremo-nos com as naves de nossas experiências, estudos, trabalhos e reflexões pastorais para navegar mais longe. Que nenhum esquema simplista e fixista nos prenda, mas, com liberdade, arrisquemos caminhos ainda inexplorados.